

LAZZARETTI, Lucas. **Saturno translada**: um ensaio romanesco. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.*

Benjamim Brum Neto**

Escolhi o recém-lançado livro do filósofo-escritor Lucas Lazzaretti para ser o último livro que leio antes de completar trinta anos. Queria os astros que eu lesse essa obra na última semana em que eu podia dizer que tinha vinte e poucos anos sem estar mentindo na cara dura. Vinte e nove anos é vinte e poucos, não é mesmo? Não sei se todos concordariam, mas eu entendo que há aí uma zona semântica cinzenta, com a qual posso contar a meu favor, sem que inverdades nocivas estejam sendo ditas. Vinte e nove anos, a idade de todos os personagens do livro de Lucas, também o tempo necessário para Saturno completar uma volta ao redor do Sol, momento em que a ingenuidade e a adolescência tardia insistentes são forçadas a encarar uma realidade previsível, imaginável, porém insuportável.

Estive com Lucas Lazzaretti no dia do lançamento de seu último livro (esse já é o quinto), publicado primorosamente pela editora 7 Letras, intitulado *Saturno translada*: um ensaio romanesco. Estávamos entre amigos queridos, alguns de longa data, outros de amizade mais recente, num aconchegante bar, repleto de livros por todos os lados, localizado em Pinheiros, em São Paulo. Entre uma cerveja e outra, buscamos, como fazem os amigos, nos atualizar acerca dos fatos relevantes da vida uns dos outros. Lucas acabara de ser chamado para um concurso que assumiria como professor substituto na semana seguinte! O mix de felicidade e indignação de sempre não hesitou em dar as caras. Nossa geração comemora contratos temporários, sem a menor certeza de futuro, frustrados com a promessa que nos foi feita sobre a relevância de estudar, pesquisar, ler, se informar e de fazer mestrado, doutorado, pós-doutorado. Logo a seguir, Lucas me informa que terá que assumir uma turma de filosofia medieval no segundo semestre. "Talvez eu trabalhe alguma obra de Boécio", disse ele, completando (com um sorriso amarelo e os olhos apertados) "o importante é fugir do Tomás de Aquino. Eita coisa chata!". E eu sugeri: "Agostinho é interessante! As *Confissões* são um marco na história da filosofia ocidental", no que ele retrucou: "Agostinho é complicado. E as *Confissões* são ainda muito chatas de se ler em sala de aula".

* Resenha recebida em 03/07/2023 e aprovada para publicação em 12/10/2023.

** Doutor em Filosofia pela UFPR e Universität Stuttgart. Mestre em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: benjamim.brum@gmail.com.

Um músico, um *designer*, uma bióloga, um artista e um psicólogo estavam já naquele mesmo bar...

Começo meu comentário ao livro de Lucas Lazzaretti retomando essas anedotas, que nos levam até as chatas *Confissões* de serem lidas em sala de aula de Agostinho, porque é disso que se trata também o livro. Omiti uma série de outros eventos e histórias partilhadas naquela noite chuvosa em São Paulo, ocorridas debaixo de uma barraca de praia, que nos socorria da água gelada. Evocando "as chatas *Confissões* de Agostinho", meu objetivo é frisar que *Saturno translada* pode ser lido como um livro pertencente ao gênero das confissões. Mas o que o leitor quer saber do resenhista é: é uma confissão chata como supostamente seriam as de Agostinho? E, também, de quem seriam as confissões presentes no livro?

A primeira pergunta pode ser respondida facilmente: há muitas formas de adjetivar a escrita e os temas abordados por Lucas Lazzaretti, dentre as quais "chata" ou "chatos" definitivamente não são o caso. A escrita é rápida, límpida, repleta de metáforas musicais, gastronômicas, vocais, sinestésicas, visuais e penianas, além de sagazes, cultas, perspicazes e pertinentes. Não há espaço para chatice.

À segunda pergunta respondo, não sem já sugerir uma interpretação: as confissões são também de Lucas, mas não apenas dele. Em *Saturno translada* lemos as confissões – quase desabafos – de uma geração crescida em meio a promessas sem lastro. O livro nos traz uma pluralidade de vozes: masculinas, femininas, fraternas, maternas, paternas, familiares, estrangeiras, pretas, pobres e gays, como se Lucas estivesse a todo momento se esforçando para que seu ego não se sobrepusesse aos demais; um esforço em assumir a perspectiva dos sapatos alheios, como faria Fabrício, personagem do quarto capítulo. Um verdadeiro exercício de exposição e encenação (de composição literária) daquilo que diz respeito à vida dos personagens que enfrentam a desilusão com as promessas de gerações anteriores em relação a seu futuro. Um exercício de “desautocentramento”, de “desautoumbiguiação” (de desposseção, diria uma autora judia cara a Lucas).

O lado filosófico de *Saturno translada* é notável e facilmente reconhecido pelo leitor minimamente antenado. Talvez o mais evidente seja aquele de crítica ao progresso (ouvimos aqui ecos das *Teses sobre o conceito de história* de Walter Benjamin). São inúmeras as passagens que denunciam essa farsa, não apenas em seu sentido mais discursivo e corriqueiro, mas também teológico. "No começo há a podridão", nos diz Alana, personagem do segundo capítulo. E diante das sucessivas desilusões a que é submetida em sua vida de pesquisadora acadêmica das *hardsciences*, parece haver a retomada de um princípio de eterno retorno (ou

de contínua expiação sem culpa) anunciado já no primeiro capítulo, segundo o qual "basta um germen seu [do retrocesso] se instalar no âmago do progresso e a própria ideia de progresso estaria perdida". Provocar o confronto com a tragédia da crença do progresso: esse é o sentido anti-teológico-político do livro de Lucas Lazzaretti, que além de tudo nos presenteia com uma instigante parábola kafkiana no sentido mais genuíno que possa ter esse adjetivo, colocada na narrativa de um sonho de Alana.

O livro é revolucionário, mas não num sentido marxiano ortodoxo. Sem pretensões de mudar o mundo, a perspectiva hegemônica do livro é a da intimidade. Entre amigos, entre genitores e crias, entre amantes, entre parceiros sexuais, acessamos uma constelação de vividos que constituem o tom da narrativa, melancólica justamente pela perda de algo que jamais se teve. Entre passado e futuro, os personagens vivem o presente como um pesadelo, estando suspensa a temporalidade capaz de lhes tirar desse inferno. A porta da revolução não é outra senão a da suspensão da suspensão. Isso mesmo: suspensão da suspensão. Não é um erro de digitação. Mas isso é papo de filósofo e teólogo. Na prática, para os personagens, só há a fuga, seja do país ou da vida.

A estrutura do livro pode ser sintetizada da seguinte forma: no primeiro capítulo temos o músico e seu amigo *designer*; no segundo capítulo, o músico e sua amiga bióloga; no terceiro capítulo, o músico e seu amigo artista plástico; e no quarto capítulo, o músico e seu amigo psicólogo (este talvez tendo feito a faculdade mais financeiramente promissora dentre todos, o que não valia de nada para o desespero de seu pai, visto que qualquer perspectiva de normalidade, incluindo a laboral, estava fora de cogitação). Os títulos dos capítulos são sugestivos: "Pústula", "Coágulo", "Escoriação", "Carcinoma". São nomes científicos para doenças infecciosas, invasões parasitárias, marcas que estriam a pele ou manchas que se não investigadas se tornam fatais ao corpo individual e político. Em *Saturno translada*, a intimidade é política, e a metáfora médica do corpo político serve para mostrar não como cada um forma um todo, como queriam os filósofos modernos, mas como existem desde sempre diferenças e singularidades que são vistas como aquilo que impede a realização do bem e da ordem, a consecução perfeita dos desígnios divinos na terra. Verdadeiras ameaças perambulantes, que precisam ser extraídas a qualquer custo.

Além de tudo isso, o livro também é bem-sucedido na problematização do "ser-brasileiro" no Brasil recente, mas sobretudo do "ser-brasileiro-das-margens"; o que é ser brasileiro indesejado pelo que se é, isto é, ainda que brasileiro, não querido pelos demais brasileiros (pelas "células de bem") como brasileiros. Trata-se, e aqui Lucas mobiliza

conceitos que ecoam Hannah Arendt e Judith Butler, de um retrato de uma coabitação tornada impossível em razão dos enquadramentos. As reflexões críticas de ambas as filósofas contra a ideia de Estado-nação ganham protagonismo, tudo isso belamente transposto literariamente. Novamente, assim como para os judeus durante a segunda guerra o exílio parece constituir a única alternativa para uma vida vivível, para a contemplação da possibilidade (e não oportunidade), bem como do que "A." chama de vivacidade, "os que podem, fogem, eu diria, os que ficam, morrem", diz o personagem-narrador inominado, que vivencia tudo, sem jamais assumir o protagonismo. Ser mulher, ser gay, ser pobre, ser judeu, ser preto: enquadramentos que jamais parecem ser respeitados como modos autênticos de ser e de viver. Identidades aprisionadoras, num país que multiplica os dispositivos de exclusão e de expulsão dos indesejados, quando não de morte violenta. Nesse ponto, Lucas ecoa outro filósofo também de ascendência judia: tudo se passa como se "os limites do meu mundo fossem os limites do meu enquadramento", enquadramento esse que, como no exemplo wittgensteiniano da mosca presa num copo de vidro, é, na ausência de uma boa dose de reflexão filosófica, invisível àqueles que estão enquadrados, apesar de os efeitos em suas vidas não poderem ser mais concretos.

Saturno translada é um testemunho (outra palavra ligada de alguma forma à confissão e ao desabafo, porém menos confessional e menos de boteco e mais jurídica e literária) de um Brasil que abortou uma possibilidade que talvez jamais tenha sido real. O livro suspeita dos otimismo fáceis, das melhoras superficiais. Ele nos instiga à coragem da fragilidade e a desafiar as condenações dadas de antemão pelas determinações sociais. Apesar disso, o livro não é determinista em sentido algum: em *Saturno translada*, a questão é existencial. Nem mesmo o tempo é capaz de determinar algo. Não se nega a estrutura, não se nega o poder, não se nega a dominação ou violência, etc., etc., etc... mas é a vida mesma enquanto existência e suas tonalidades afetivas que vêm à frente enquanto tristeza, melancolia, tédio, medo, frustração, despedida. *Saturno translada* é um esforço de luta pela existência a partir das margens.